

# Apresentação

## De Saberes e Identidades: de povos, culturas e educações

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, em 2016, problematiza como temática de discussão e aprofundamento os *Saberes e Identidades: Povos, Culturas e Educações*. Essa pauta é evidenciada justamente quando há um debate nacional sobre as mudanças nas orientações curriculares e sobre a base comum, cujo foco se voltava à invisibilidade da diversidade étnica e cultural brasileira, especialmente retirando de pauta as especificidades das educações indígenas, quilombolas e populares.

A agenda nacional que institui e altera as orientações voltadas ao reconhecimento das diversas formas de educação existentes no país, a Base Nacional Curricular Comum, em 2016, aliada à imposição de Projetos, como a Proposta de Emenda à Constituição 241 (PEC 241) e da Reforma do Ensino Médio, atingem diretamente as comunidades tradicionais e seus jovens. Nessa pauta neoliberal, que visa eliminar possibilidades de inclusão pela educação superior às populações tradicionais, seus saberes e suas identidades, o Programa de Pós-Graduação em Educação assume essa temática e propõe a organização de dois números da edição especial, dispondo-se a refletir que *educações, culturas e identidades* demandam dos saberes e identidades dos povos indígenas e, a partir de seus saberes, reconhecermos as diversas formas de educação e perspectivas do viver coletivo em terras dominadas pelo agronegócio, como o Cerrado e a Amazônia brasileira, onde se concentram a maioria dos povos indígenas.

Nos dois volumes desta edição especial, trazemos como contribuição para o debate autores que conosco refletem a realidade brasileira e sul-americana, dialogando com diferentes campos da ciência para refletir sobre as contribuições dos processos de aprendizagem na relação com o outro, igual e diferente.

Essa temática assumida por um Programa de Pós-graduação de Cuiabá, cidade em território bororo tradicional, e ao mesmo tempo, epicentro da América ameríndia, marco geodésico do coração do continente, nos possibilitou uma rara condição ontológica, ao acolher em seu maior evento de Educação – o SemiEdu 2016 – mais de 3.000 pessoas, para juntos, naquele emblemático momento, ouvir o grito dos povos que, em nível mundial, trazem à luz a perversa e cruel condição de povos originários no nosso país, com todos os demais povos do planeta, serem mais do que vencedores e resistentes à cultura da dizimação, expropriação, higienismo, extermínio globalizada em níveis continentais, expulsos por uma

subcultura guerreira, mortífera e exterminadora, que tem se valido das *armas* da informação, do sequestro de direitos de todos os calibres, e de todas as mentiras, para exonerar da vida e expropriar esses povos e suas culturas covardemente.

O dramático, contudo, é que vivemos da crassa ignorância acerca da enorme contribuição deles ao planeta. Imemorialmente, eles construíram a Amazônia, seus rios, suas florestas, considerados hoje fonte de perspectivas de vida e morte para todo o planeta em curto prazo.

Este bioma por nós compreendido como *dom* da natureza não foi um presente dela, na sua constituição. Hoje, a Amazônia é pomo de discórdia acerca de sua propriedade territorial, pelas riquezas de suas águas, florestas, espécies nativas de flora, fauna – praticamente desconhecida, que, reafirmamos, não foi um dom espontâneo da natureza. Os povos originários construíram-na como quem brinca, respeitando o desejo de cada planta, de cada animal, de suas necessidades, e permitindo, ao longo dos milhões de anos, variações, cruzamentos, surgimentos de novas espécies inexistentes, em ecossistemas múltiplos e combinados, com a pujança de suas variações. A Amazônia não foi geração espontânea, foi o *jogo-trabalho* de populações que, ali assentadas, produziram-na no respeito aos desejos e do cio da terra.

Hoje, contudo, os olhos esbugalhados do capital só veem por fora, como exterioridade, como recurso, sem direito à sobrevida, tudo aquilo que foi trabalho humano sem pressa, sem qualquer intencionalidade que não respeitasse o que é ontológico no impulso criador da vida: não somos e nem sobreviveremos como espécie sem todas as coisas que nos permitam viver. E essas mesmas coisas não vivem também sem nós. É falso e mentiroso todo o discurso de que estamos no topo da pirâmide, na escala na evolução, como *inventadores* do que não poderemos inventar, caso destruamos.

Nossa perdição foi fechar os olhos para o dom, e para o dom de se guardar aquilo que não tem preço (MAUSS, 1999)<sup>1</sup>, fruto do ensaio de reciprocidade e da convivialidade. Nossa perdição foi adentrar a cena, sem aprender os requisitos, obter a licença nos segredos da própria vida em sua autopoiese. Introduzimos a hierarquia, a diferenciação e buscamos uma (des)ordem em oposição ao que está posto. Perdemos não somente nossa capacidade de vida e sobrevida, violentando-nos pelo trabalho, por uma pauta de normalização exterior, que nos reduz a figuras normalizadas e adoecidas. Nunca o sistema teve tanto interesse em produzir a homogeneidade, para pôr as pessoas como *recursos*, dependuradas na sua utilidade. Nunca se produziram tantos rótulos

---

1 MAUSS, M. Sociologie et anthropologie. Paris: PUF, (1924) 1999.

para todos aqueles e aquelas que já não *servem* para a produção capitalista, nem como força de trabalho, nem como pessoas cujo sentido de existência habita nelas mesmas, sem adereços e privilégios.

Nunca houve um imperativo de fazer a guerra e destruir cidades, como o melhor produto de enriquecimento. Nunca se venderam tantas armas, de todos os tipos de produção de horror. Nunca se revendeu a sobrevivência aos perdedores, sob a condição de rendimento, e expropriação. Veja as guerras apocalípticas que matam feridos, hospitais e crianças, afundam-se barcos de fuga. Veja todo patrimônio grego expropriado ao seu povo, após a ação deletéria dos mesmos grupos que de país a país levam megaeventos como Cavalos de Tróia que anunciam aos destinatários seu fim. Veja a aniquilação das cidades, sob os bombardeios com o fito de entregá-las à reconstrução irretorquível, e sob a condição de sua eterna ocupação e escravidão.

Essa violência foi, e continua sendo, a necessidade de pautas aniquiladoras de tudo que cheira diferenças, diferenças que ofendem a ordem imperativa e homogeneizante, mas que também se converte em obsessão. A não socialização – leia-se aniquilação – das pessoas, povos, etnias a uma pretendida ordem de um modo de ser UNIVERSAL as enquadra previamente no sistema de dominação do capitalista com suas pautas de expurgar todas as naturalidades de origem. Expropriação da singularidade, e a standardização de um ideal de similitude e de repetição, destinado a todos os que não se enquadram na mesmice. Invenção acadêmica da existência de populações diferenciadas que trazem na pretensa ordem natural de destinação por natureza a coisas rudes, sujas, desprovida de ciências, cuja missão é a de ser bucha de canhão, escravos ou vítimas de sacrifícios expiatórios sangrentos. Ora, não existe nenhuma ordem natural ao fazimento de coisas iguais e cópias. A destinação de cada coisa, por natureza, é o que há de mais universal em nós, é nossa diferença!

Em Cuiabá, em 2016, esse movimento reflexivo nos levou à temática, a partir da mobilização de pessoas que conosco tematizaram no SemiEdu 2016, o vivo anúncio da orquestração das diferenças de cor, de pele, de cabeça, de rostos, de roupas, de falas, de línguas, de procedimentos, e – por presente da cultura arraigada na cuiabania – *Nada é pecado abaixo da linha do Equador*, foi possível a quem trouxe sua diferença que não precisasse escondê-la em sua *desavergonhada* expressão. Clima que produz um evento festivo, de exultação, de trocas, sem cerimônias, destituindo rituais de *exorcismos* acadêmicos, científicos ou religiosos. Ninguém é igual. Não temos nada que legitime voltar a gerar escravos, não podemos nos desculpar de nossa pusilanimidade de rejeitar nossa grandeza.

Hoje não morremos apenas pela diferença, morremos pela normalização. Hoje não morremos pela sinceridade da expressão do que poderíamos ter sido; antes de

sermos liofilizados, fizemo-nos sem ser preciso nossa subjugação aos sacrossantos figurinos da ORDEM do sistema. Morremos pela IN-diferença. Cedemos aos programas de robotização oficial de desmontagem das nossas humanidades plausíveis para a vida, recusamos a fertilidade e a criação, que jaz sob as rodas da repetição, da mesmidade e da esterilidade vergonhosa.

Por que, neste momento, pautamos os povos indígenas, dialogamos com seus representantes, intelectuais e lideranças comunitárias por meio de seus textos acadêmicos e pelo diálogo com seus saberes e identidades?

Não foi para ensiná-los como devem ser. Foi, sobretudo, o inverso, para aprendermos sobre a humanidade deles, a nossa que está confusa e perdida. Os oprimidos trazem ainda no corpo a revolução sonhada em nossas sociedades. Uma revolução em curso. Chaves que são, diziam os grandes mestres da vida da afro-ásio-íbero-ameríndia, esses povos nos podem conduzir à revolução de nos ensinar de novo, o caminho para nossa casa.

Por que nosso Programa de Pós-Graduação se abriu a ouvir os povos primaciais, originários, que destoam, desafinam e resistem à hegemonia posta pela civilização agonizante e fétida? Eles são portadores de uma grande revolução em curso, que poderá salvar o planeta.

Eles e elas guardam não a pretensa selvageria, nem a perversidade, nem a crueldade, nem a ingenuidade ou ignorância acerca da natureza do mundo e da vida a eles atribuída; são oportunidades de nós mesmos neles, nos compreendermos por dentro. Os bárbaros somos nós: estão aí os gênios do mal com toda sua cruzeza, inumanidade, perversão de sentimentos, incapacidade de terem horizontes que concedam existências de outros e outras. Os ingênuos ou já adaptados somos nós. Quem odeia e quem mata, quem extermina e quem castra, quem arrasa e incinera não são as culturas dos povos indígenas.

Aprendemos e inventamos a perversidade de monstros primitivos que precisávamos domar. Sanguinários, assassinos, destruidores, sem pautas de comportamento. Nem mesmo os animais de origem – produzidos por nossa fantasia para nos justificar de nossas crueldades – os víamos mascando com ódio e arrogância o outro animal pelo prazer de odiá-los. Esses animais, chamados cruéis, instintivos, máquinas de guerra, o Leviatã, só existiram como mitos, para amenizar a culpa do nosso primitivismo e de sua fúria pré-civilizatória.

É preciso ir mais longe na educação para o conhecimento político e para a ternura necessária como alimento à esperança e a uma outra sociedade. O ID freudiano – segundo ele, irado, monstruoso, perverso, vingativo e com sede de morte – não está fora de nós, está também dentro. Animal algum odeia. Animal algum é perverso, salvo os neurotizados por nossas diabólicas taras. O problema não é o OUTRO(A), somos nós mesmos. Animais comem animais para viver, para se alimentar, reproduzir

e se defender. Quem criou a ódio aos animais e aos nossos semelhantes fomos nós mesmo: chamados *civilizados* em concorrência destrutiva de todo o diverso.

A diversidade nos desnuda. Espelha nossa face de acrílico, isopor e papelão. Somos resultados dos píncaros de uma ciência feita para nos usar como consumidores de suas criativas repetições. Nos diluímos; nos desnaturamos!

Somos massas de zumbis vagando para reproduzir nossa imagem e semelhança a todos(as) os que se rebelaram, e atualmente os fazemos em nome da Religião dos nossos deuses menos sangrentos do que gostaríamos que fossem. Arrastamos uma cauda antediluviana das marcas da nossa submissão e enquadramento. Cabemos em caixinhas de purpurina. E queremos que todos e todas caibam, para melhor resultar em *progrESSO!* É necessária a aliança entre as diferenças. É importante conceder aos demais o que reivindicamos para nós. É preciso que a academia não seja uma exterioridade, pairando acima do mundo. O ódio com que se matam crianças e adolescentes que estão à deriva nas ruas, pela inexistência de segurança nas casas, porque não entram nos modelos civilizatórios preconizados, são violados e matados para nos esterilizar de suas diferenças. Eles são mortos pelo ódio da inveja de terem escapado da castração civilizatória, na qual Freud, sem qualquer cerimônia ou piedade, nos joga na cara...

Nossa normalidade é a neurose! Renúncia da saúde e da espontaneidade, pela castração, pelo interdito oral, anal e fálico, e pela necessidade de construir como éter o mal-estar da civilização! Há uma doença: a do enquadramento! Ela é mantida sob a renúncia dos desejos, dos impulsos, todos eles assinados pelos instintos de morte. Matar, pois, uma pessoa livre, que se encontra fora do desejado e dos tabus dessa mesma sociedade, nos indigna nossa circunscrição à ordem aos princípios sob aparatos artificiosos da positivação de regras, regulamentos, leis, códigos de ética com os *modelitos* de plantão. Temos neste momento de fim do mundo, no país, a chance de ver isso aparecer sem vergonha e pejo, e mostrar a quem servimos e nos dobramos. Rituais sangrentos que regem nossa degeneração.

Lembra-nos a poesia e música de Gonzaguinha, *Comportamento Geral* (1999)<sup>2</sup>:

Você deve aprender a baixar a cabeça  
E dizer sempre: 'Muito obrigado'  
São palavras que ainda te deixam dizer  
Por ser homem bem disciplinado  
Deve pois só fazer pelo bem da Nação  
Tudo aquilo que for ordenado  
Pra ganhar um Fuscão no juízo final  
E diploma de bem comportado

2 GONZAGUINHA. *Comportamento Geral*. Intérprete Gonzaguinha In: RAÍZES DO SAMBA: Gonzaguinha. São Paulo: EMI Records, 1999. 1 disco sonoro. Disponível em: <<https://youtu.be/CmFoLIFuJlQ>>.

A natureza não se prende aos procedimentos exteriores, de plantão. Códigos de ética, de catequese, de constituição e procedimentos que regem nossa degeneração. Peter Berger (1985)<sup>3</sup> não deixa de nos avisar: todos os momentos de natureza são anatematizados pelas culturas. Os atos de natureza, onde a vida segue pautas indomináveis, apontam para o caos da civilização ilustrada que quer uma regulação para uma ORDEM da morte e da guerra. O ressurgimento da estética das Cruzadas está nos carros da rua, nos quais escudos atravessados por espadas têm nelas escrito *Fé*<sup>4</sup>. Berger mostra que a cultura das academias e do mercado se retroalimentam. Berger mostra o risco de que a normalidade sugere o artificialismo grotesco da cultura da destrutividade.

Todos os atos, diz Berger (1985), nos quais a vida se mostra em sua crueza aos olhos ocidentais encegados, o nascimento, a separação da criança do ventre de sua mãe, a permanente mutação de aparecimento do ser diverso de cada qual, as mudança etárias, o parto, a menstruação, a doença, o casamento, a morte, todos esses atos em que a natureza pode alterar os ditames da sociedade, põe as culturas dominantes em apuros; elas, então, se voltam a intervir de maneira decisiva – por vezes trágica –, para que a vida como ela é, não sugira a arbitrariedade do *modus vivendi* artificiosos que eternizam aquelas sociedades. Isso se põe porque a natureza não se comporta de maneira estandardizada, e seus movimentos acabam por relativizar e negar o pressuposto de uma ordem estática, celestial e imutável. Ao divergir dos ditames criados pelas sociedades, por relativização, a vida bela e nua abre caminhos para que as pessoas criem pessoas outras formas inusitadas, e singulares, que se oporão aos padrões artificiosos da cultura postiça. Atos religiosos, cúlticos, banhos, incisões, incensos, escarificações são administrados a um número de pessoas para que façam o controle das cerimônias de passagem, controlem as prescrições alimentares e os interditos de sexo, as falas, as posições do corpo, os alimentos; por outro, as pessoas são expostas a dores, à solidão, aos suplícios e repetições... Todo esse arsenal de instrumentos produz barreiras para que as pessoas sejam desanimadas de inventar, sob o fluxo da natureza, formas inéditas de poder ser, estranhas ao contexto das identidades aprovadas em suas sociedades. Por outro, essas exterioridades acessórias são, sobretudo, formas de poder e de apresentação inculcadas nos indivíduos acerca do poder que essa sociedade terá sobre ele, e que implique uma identidade com padrões adequados, como se esses

---

3 BERGER, Peter L. O dossel sagrado elementos para um ateoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/74421151>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

4 PASSOS, A. O “escudo da fé” não protege nada, 2013. Disponível em: <<http://www.antoniodospassos.com/2013/06/o-escudo-da-fe-nao-protege-nada.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

padrões fossem uma *naturalidade* do mundo, e não uma jaula inventada por uma cultura arbitrária das sociedades, também essa para fins de organização social.

O que é certo. As pessoas sucumbem ao caos. Inventar, todavia, uma normalização regrada tem mostrado, ademais, que dimensões exteriores construídas para fim de dominação de algumas sociedades contra outras destroem a diversidade, a beleza, o colorido, as expressividades que nascem e são reinventadas para a vida, a criação e a variação.

A temática que pautamos para esta edição especial da Revista de Educação Pública, a partir do SemiEdu 2016, traz em primeira mão os povos indígenas, quilombolas, populações primordiais e seus movimentos como referência para outras educações que tragam em seu seio a mandala da circularidade, da interlocução, do fogo sagrado das rodas de partilha e, sobretudo, as belezas, grandeza e dignidade as quais eles nos convocam a refazer em nós, em OUTReirar nossas instituições educacionais, grupos, pesquisas, núcleos referenciados àquelas e àqueles que vivem muito além do vulcão de maldades da Modernidade clássica.

Nos ensinem a dança e o canto, nos ensinem as narrativas e as infâncias. Nos ensinem a verdade em uma sociedade que quase só se sustenta pelos artifícios do embuste e mentiras. Nos ensinem a recusar os deuses estabelecidos e calcinados, usados para justificar a prepotência, pelos espíritos e deidades que fazem do itinerário das pessoas, o seu próprio itinerário. Nos ensinem o caminho para restabelecer dentro de nós a natureza viva, vencendo nossas faces orgulhosas, prepotentes e solitárias, para a ética da reciprocidade, da convivialidade, do acolhimento das diferenças, e reconstrução de uma POLÍTICA que reconstrua nossa ciranda em favor desses mesmos povos, dos quais somos parte.

Enaltecer o itinerário para as humanidades que, sob a guerra, permanecem na busca da justiça e da resistência a toda a violência é o caminho de salvar o que ainda não está perdido. A cultura, a escolaridade, as diferenças contempladas como referenciais da natureza viva são os lugares de aprender com as comunidades primaciais as epistemologias que permitam resistir e permanecer longe dos humores malvados do monstro.

Esta revista é, em grande parte, uma comunhão com a esperança dos esfarrapados do mundo, na gestação do novo que vem.

Profa. Dra. Beleni Saléte Grandó

Profª. Dra. Tatiane Lebre Dias

Profª. Dr. Luiz Augusto Passos

Coordenação Geral do Seminário de Educação 2016